

TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses

TE and LHE as accusative forms of 2nd person in personal letters of Ceará, Brazil

Recebido em 10 de maio de 2015. | Aprovado em 13 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.176>

Francisco Jardes Nobre de Araújo¹

Hebe Macedo de Carvalho²

Resumo: Este estudo objetiva analisar a alternância dos pronomes *te* e *lhe* como oblíquos de 2ª pessoa, na função de acusativo, em cartas pessoais cearenses, escritas durante o século XX, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; 1994). A amostra a ser analisada é composta por 186 cartas pessoais escritas por cearenses. Busca-se investigar a atuação dos grupos de fatores tipo semântico do verbo; estrutura do verbo; posição do clítico em relação ao verbo e a variável extralinguística década em que as cartas foram escritas. Os dados analisados foram submetidos ao programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e indicam que a) como acusativo de 2ª pessoa, a forma *te* (60%) é mais recorrente do que a forma *lhe* (40%); b) verbos do tipo *dicendi* favorecem o uso de *lhe* (68%), enquanto verbos de sentimento o desfavorecem (12%); c) nas ocorrências de ênclise, *lhe* foi mais frequente (60%) do que *te* (40%); e d) a variação de *te~lhe* acusativo nos anos 1940-1959 foi de 44% de *te* e 56% de *lhe*, havendo um uso bem maior de *te* (70%) do que de *lhe* (30%) nos anos de 1980-1999.

Palavras-chave: variação pronominal; pronomes oblíquos; formas *te* e *lhe*; cartas pessoais; sociolinguística variacionista.

Abstract: This study analyzes the alternation of pronouns *te* and *lhe* for the 2nd person, in the function of accusative in personal letters written in Brazilian Portuguese during the 20th century, in the light of the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972; 1994). The sample to be analyzed consists of 186 personal letters written by people from the state of Ceará. The aim is to investigate the performance of groups of factors: semantic type of the verb; structure of the verb; position of the clitic, in addition to extra-linguistic variable decade in which the letters were written. Data were submitted to the computer program *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) and indicate that a) as accusative of 2nd person, the form *te* (60%) is more recurrent than the form *lhe* (40%); b) *dicendi* verbs favour the use of *lhe* (68%), while verbs of feeling disfavor it (12%); c) in the enclises, *lhe* was most common (60%) than *te* (40%); and d) the *te~lhe* accusative variation was more balanced in the first two periods analyzed, with a much greater use of *te* (70%) in the last period (1980-1999).

Keywords: pronominal variation; oblique pronouns; *te* and *lhe* forms; personal letters; variationist sociolinguistic.

¹ Doutorando em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Brasil. jardsnobre@hotmail.com.

² Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Brasil. macedohebe@hotmail.com.

Introdução

Estudos sobre o uso das formas de tratamento no português brasileiro (LOPES, 2005; SILVA, 2011; RUMEU, 2013) mostram que, já no início do século XX, a forma *você* (aglutinação da expressão de cortesia *Vossa Mercê*) passou a concorrer com o pronome *tu*, de uso íntimo, ocasionando uma série de variações entre as formas de 3ª pessoa do singular substitutivas do *você* como oblíquos e possessivos (*o/a, lhe, se, si, seu*) e as de 2ª pessoa do singular (*te, ti, teu*), substitutivas do *tu* naquelas funções.

Conforme Coutinho (1976, p. 254), há duas formas homônimas do pronome *te*, proveniente de dois étimos latinos distintos: um deles é *tē*, com função de acusativo, o outro é *tibi* (*tibi > tii > ti > te*), com função de dativo, tendo havido perda da tonicidade em ambos os casos. Essas funções estão bem gramaticalizadas na língua portuguesa, e talvez por essa razão é que Ferreira (2010, p. 2013) apresente em seu dicionário duas entradas diferentes para esse pronome: *te*, com função de OD, e *te*, com função de OI ou CN. Já o pronome *lhe* veio do latim *illi* do, dativo de *ille* (“aquele”), passando por **eli* no latim vulgar, *li* e *lhi* no português arcaico, e, atualmente, *lhe* (COUTINHO, 1976).

Este estudo recorta, à luz da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; 1994), a alternância entre os clíticos *te* e *lhe* como complementos verbais acusativos. Serão realizadas análises de dados em que essas formas se alternam para fazer referência à 2ª pessoa do discurso. Os exemplos seguintes ilustram esse recorte.

- (01) Aqui todos os meus filhos estão bons e *te* saúdo [C087]³
 (02) Preciso saber + ou - a data que você está aqui, preciso *lhe* vê [C173]

Observe, com base nos exemplos, que os clíticos *te* (01) e *lhe* (02) fazem referência à 2ª pessoa do discurso, o destinatário da carta. Em (01), trata-se de uma carta de família em que a autora escreve a seu irmão; já em (02), temos uma carta de amigo, em que a remetente se dirige a um ex-colega de escola.

A amostra de cartas é composta por 186 cartas pessoais escritas por cearenses durante os anos de 1940 a 1999, coletadas no município de Quixadá, no sertão central do Ceará, a 167 km da capital Fortaleza. Essas missivas foram trocadas entre amigos, entre familiares (irmãos, filha/mãe, sobrinha/tia, primos, cunhados) e entre namorados, são, portanto, cartas de amigo, cartas de família e cartas de amor que versam sobre questões pessoais, como confissões, pedidos de desculpas, queixas, dificuldades financeiras ou de amenidades do cotidiano, como descrição de viagens, comportamentos de crianças, rotina de trabalho etc. Das 186 cartas, 94 cartas foram escritas por homens e 92 escritas por mulheres.

Ainda que existam dificuldades em constituir *corpora* com fontes históricas, há diversos estudos sociolinguísticos no Brasil (LOPES; MACHADO, 2005; SALES, 2007; ANDRADE, 2011; RUMEU, 2013) que têm se debruçado sobre documentos históricos para a pesquisa de fenômenos linguísticos. Compor banco de dados com base em fontes documentais escritas, como cartas pessoais, acarreta algumas dificuldades, porque, em geral, esses documentos são exíguos e, muitas vezes, de difícil acesso. O pesquisador que decide se debruçar sobre fontes históricas conta com o acaso desses documentos de sincronias passadas que resistiram ao tempo. Além dessas dificuldades, os documentos históricos acarretam o que Labov (1994, p. 11) chama do problema dos “maus dados”: a escrita dos documentos históricos nem sempre reflete os legítimos traços da língua vernacular dos autores dos textos e, muitas vezes, essas fontes não favorecem a localização de informações precisas acerca da caracterização do perfil social dos autores.

Este artigo tem como objetivo geral apresentar o estudo acerca da variação *te ~ lhe* com referência à 2ª pessoa, na função de acusativo, em cartas pessoais. Controlamos três variáveis linguísticas, a saber, o tipo semântico do verbo, a estrutura do verbo da oração e a posição do clítico na oração, e uma variável extralinguística, que foi a década em que as cartas foram escritas.

Este estudo sobre a alternância *te ~ lhe* acusativo surgiu da tentativa de compreender como essa variação se dá na escrita de cartas pessoais cearenses. Dessa forma, interessa-nos saber: qual o percurso da

³ O código entre colchetes remete à identificação das cartas da amostra que compreende C001 a C186.

variação ao longo do século XX no português escrito no Ceará? O que condiciona tal variação, especialmente o uso do *lhe* acusativo, em competição com o *te*, nas cartas cearenses?

Os dados, após armazenados eletronicamente e codificados, foram submetidos ao pacote de programas *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), ferramenta computacional para análise de fenômenos linguísticos variáveis. Os resultados serão apresentados na seção de análise dos dados.

1. Pressupostos Teóricos

Este estudo parte dos pressupostos da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972; 1994), que assume a relação língua e sociedade como processos heterogêneos imbricados mutuamente. Nesse sentido, as línguas humanas são condicionadas por forças linguísticas/internas e extralinguísticas/externas constantes que refletem seu funcionamento dinâmico, estruturado, ordenado e passível de ser estudado. Estrutura linguística e heterogeneidade são, portanto, reflexos do funcionamento do sistema linguístico.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) concebem as línguas – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. O pressuposto básico é de que as línguas mudam porque variam e as línguas variam devido à influência de fatores relacionados aos falantes, elementos desprezados pela primeira grande escola de estudos linguísticos do Ocidente – o estruturalismo, cujo nome mais emblemático é o suíço Ferdinand de Saussure.

Sob essa perspectiva de estudo, a variável linguística é concebida como uma representação abstrata do curso da variação realizada por duas ou mais formas variantes em competição sob efeito da ação simultânea de vários fatores passíveis de quantificação estatística. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o estudo da língua que opera com a ideia da heterogeneidade sistemática precisa adotar o princípio que desvincula a estrutura linguística da homogeneidade e precisa descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade. Os autores também ressaltam que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Descrever a regularidade da variação em termos de frequência de uma variante ou outra e quais ambientes linguísticos e sociais são mais significativos para a atuação do fenômeno linguístico estudado constituem objetivos centrais dos estudos sociolinguísticos. Ressalte-se que, segundo Labov (1994), há casos de variação estável em que uma determinada variante permanece, ao longo dos séculos, refletindo comportamento linguístico do indivíduo estável por todo o tempo de sua vida, e a comunidade, conseqüentemente, permanece estável, não havendo, portanto, variação para analisar. A variação estável na comunidade de fala não envolve mudança. A Teoria da Variação e Mudança Linguística entende que as línguas humanas são continuações históricas que acompanham as gerações sucessivas de indivíduos, sendo as mudanças que ocorrem numa língua ao longo do tempo resultados da variação entre as formas linguísticas durante certo período.

Em geral, o estudo de sincronias passadas apresenta algumas dificuldades, como por exemplo, localizar documentos que sobreviveram às intempéries do tempo e que atendam as exigências da pesquisa. Além disso, os documentos que sobrevivem ao tempo, muitas vezes, tornam difícil o resgate de aspectos sociais dos escribas, exigência fundamental em estudos de natureza sociolinguística histórica. Acerca disso, Labov comenta que:

embora saibamos o que foi escrito, não sabemos nada acerca do que foi entendido e não estamos em condição nenhuma de desenvolver experimentos controlados sobre a compreensão transdialetal. Nosso conhecimento do que era distintivo e do que não era é severamente limitado, uma vez que não podemos usar o conhecimento dos falantes nativos para diferenciar variantes distintivas de não distintivas (LABOV, 1994, p. 11)⁴.

⁴ No original: "Though we know what was written, we know nothing about what was understood, and we are in no position to perform controlled experiments on the crossdialectal comprehension. Our knowledge of what was distinctive and what was not is severely limited, since we cannot use the knowledge of native speakers to differentiate nondistinctive from distinctive variants." Tradução nossa.

Labov (1994, p. 11) afirma que “a Linguística Histórica pode ser pensada como a arte de fazer o melhor uso dos maus dados”⁵. Para o autor, os documentos históricos, por um lado, são valiosos porque mostram de alguma forma, o modo como a língua era usada em determinada época. Por outro lado são empobrecidos porque esses documentos

sobrevivem por acaso, não por intenção, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. As formas linguísticas em tais documentos são frequentemente distintas do vernáculo dos autores e, em vez disso, refletem esforços de captar um dialeto normativo que nunca foi a língua nativa de nenhum falante. Como resultado, muitos documentos são marcados com os efeitos da hipercorreção, da mistura de dialetos e de erros do escriba (LABOV, 1994, p. 11)⁶.

Apesar de tais dificuldades, estudos diacrônicos ou de sincronias passadas com base em fontes históricas (SALES, 2007; OLIVEIRA; LOPES, 2007; ANDRADE, 2011; SILVA, 2011; RUMEU, 2013) têm sido amplamente realizados à luz da Sociolinguística. Os documentos antigos constituem alternativas interessantes para se conhecer determinados estágios de uma língua em épocas mais remotas.

Os estudos no campo da Sociolinguística Variacionista com dados de língua escrita, numa perspectiva diacrônica ou de sincronias passadas, consideram cartas pessoais documentos históricos importantes para o estudo da variação e mudança linguística por serem correspondências realizadas entre duas pessoas, apresentarem marcas de tratamento dispensados ao destinatário e serem textos mais “soltos” em relação ao seguimento da norma-padrão (RUMEU, 2013, p. 112), o que pode favorecer o aparecimento de formas em competição.

O estudo em tela se desenvolve à luz desses pressupostos sociolinguísticos e busca contemplar, especificamente, o problema das restrições (*the constraints problem*), à medida que busca analisar os possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos da variação das formas pronominais *te* e *lhe* em cartas pessoais escritas no estado do Ceará.

2. A variação das formas pronominais *te* e *lhe*

Conforme Lyons (2011, p. 235), na maioria das línguas naturais, existe uma distinção entre o que se chama convencionalmente de pronomes de tratamento polidos e pronomes de tratamento familiares para se referir ao interlocutor (2ª pess sg).

Brown e Gilman (1960) observam, à luz da teoria T-V (T de *tu* e V de *vos*, em latim), que o uso dessas formas de tratamento norteia-se por dois princípios, o de “poder” – quando um dos interlocutores ocupa uma posição superior, seja pela idade, seja pelo *status* social, seja pela ocupação de um cargo, seja pela força física – e de “solidariedade” – quando os interlocutores apresentam condições sociais comuns (mesma faixa etária, mesmo *status* social etc.) ou certo grau de intimidade entre si. No primeiro caso, o superior dirige-se ao subalterno com uma forma T e é tratado por este com uma forma V. No segundo caso, os interlocutores ou se tratam, de forma recíproca, com V ou com T, a depender do grau de intimidade entre eles: T para as relações mais íntimas, V para as mais formais.

Duarte (1993) afirma que a competição das formas *tu* e *você* se acentuou no início do século XX, o que pode ter ocasionado a variação entre as formas oblíquas de *tu* e *você*. Ainda segundo a autora, em pesquisa realizada com peças teatrais de comédias de costumes escritas durante o período de 1845 até 1992, a distinção entre as formas T (*tu, te, ti, teu*) e V (*você, o/a, lhe, se, si, seu*), em uso no português do Brasil (PB), torna-se mais frequente nos seus dados por volta da década de 1930. A forma V assume os valores comunicativos de polidez e de formalidade, bem como passou também a ser usado como forma T, ocasionando a competição dessas variantes entre si. Rumeu (2013), que estudou o pronome *você* em cartas de

⁵ No original: “Historical linguistics can then be thought of as the art of making the best use of bad data”. Tradução nossa.

⁶ No original: “Historical documents survive by chance, not by design, and the selection that is available is the product of an unpredictable series of historical accidents. The linguistic forms in such documents are often distinct from the vernacular of the writers, and instead reflect efforts to capture a normative dialect that never was any speaker’s native language. As a result, many documents are marked with the effects of hypercorrection, dialect mixture, and scribal error.” Tradução nossa.

uma família carioca escritas em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, também afirma que *ocê* passou a ser mais produtivo nos anos 30, nas cartas cariocas estudadas.

A variação entre as formas *te* e *lhe* constitui uma das variações pronominais mais recorrentes no português falado no Brasil, em diversas regiões do país. Bagno (2012, p. 230) reconhece a forma *lhe*, como índice de 2ª pessoa na fala culta do PB, como um recurso legítimo e ressalta que a alternância das variantes *te* e *lhe* apresenta variação regional: o pronome *te* predomina em São Paulo e em grande parte de Minas Gerais (RAMOS, 1997; MOTA, 2008), onde *tu* caiu em desuso. Já o pronome *lhe* é muito frequente no Nordeste, especificamente nos estados do Ceará e da Bahia (ALMEIDA, 2009).

A forma *lhe* (do latim *illi*, “àquele”), dativo da 3ª pessoa do singular, a que as gramáticas tradicionais atribuem a função de objeto indireto (OI) com referência a pessoas, tem sido usada na língua também na função de objeto direto (OD), como observam Nascentes (2003) e Monteiro (1994), por exemplo. Uma vez que *lhe*, forma de 3ª pessoa, passou a ser usado como dêitico para indicar a 2ª pessoa, registra-se a variação desse pronome com *te*, o que pode ser verificado em (3), trecho de uma carta de amigo novecentista. O exemplo que segue foi retirado da amostra que compõe o banco de dados deste estudo.

- (03) Você não imagina como *lhe* esperei na agência [...] Não sei bem o que eu faria se algum dia eu *te* reencontrasse [C058]

Note-se, em (03), a típica variação laboviana: duas formas alternantes para o mesmo referente com a mesma função no mesmo contexto.

Sales (2007, p. 66) estudou os aspectos linguísticos e sociais no uso dos pronomes pessoais em cartas pessoais baianas novecentistas e afirma que, no *corpus* de seu trabalho, o uso do clítico *lhe* como acusativo (função de OD) e como dativo (função de OI) é muito frequente em seus dados, de modo que as construções só ocorrem como complementos de verbos transitivos diretos (VTD) ou com verbos transitivos diretos e indiretos (VTDI), mas nunca com transitividade só indireta. A autora ressalta que o uso de *lhe* como acusativo pode indicar ser este parte da gramática dos informantes. Seus resultados demonstraram que só houve ocorrências de *lhe* com referência ao interlocutor (2ª pess), não havendo, na amostra analisada, ocorrências de *lhe* com remissão à 3ª pess.

Para Machado (2006, p. 99), a consolidação do *ocê* com referência à 2ª pessoa pode remontar o século XX, por volta de 1918, alterando “substancialmente o comportamento do preenchimento dos sujeitos ao longo do século XX, visto que o aumento da frequência de uso das formas plenas está intimamente ligado ao aumento da produtividade do *ocê*”. Tendo o *ocê* entrado em competição com *tu* e, assim, adquirido também a função de forma T, passou-se a recorrer a expressões nominais para substituir as formas V. Como bem afirma Lopes (2007),

a implementação de *ocê* e *a gente* no sistema de pronomes pessoais gerou uma série de reorganizações gramaticais, tanto no subsistema de possessivos, quanto no de pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos (LOPES, 2007, p. 116).

Para a autora, a combinação entre as formas do paradigma de *tu* e as formas do paradigma de *ocê* já é tão natural no PB que não se pode mais continuar falando de “falta de uniformidade de tratamento”. Lopes e Cavalcante (2011) demonstram que os usos das formas *tu* e *ocê* apresentam distribuição variável em diversas regiões brasileiras. Para Lopes e Cavalcante (2011, p. 35), a codificação da 2ª pessoa singular [-formal], no PB, apresentaria hoje as formas variantes descritas no quadro a seguir.

Função	Nominativo (Sujeito)	Acusativo (Obj. direto)	Dativo (Obj. indireto)	Oblíquo	Possessivo
Formas	tu ~ <i>ocê</i>	te ~ <i>lhe</i> ~ você ~ Ø	te ~ <i>lhe</i> ~ a/para você ~ Ø	contigo ~ prep+ ti ~ prep + <i>ocê</i>	teu ~ seu ~ de <i>ocê</i>

Quadro 1. Quadro pronominal no português brasileiro nos diversos contextos morfossintáticos – proposto por Lopes e Cavalcante (2011, p. 35).

As autoras ressaltam que essa distribuição não é uniforme em todo o território brasileiro, apresenta “variação a depender de fatores de ordem geográfica, sociolinguística e pragmática” (LOPES; CAVALCANTE, 2011, p. 35). O quadro acima nos interessa especificamente no que se refere à variação das formas de 2ª pessoa *te~lhe* com função de acusativo, tomada aqui como objeto de investigação na escrita de cartas pessoais.

Com relação ao uso de *lhe*, Nascentes (2003, p. 447) diz que o emprego de *lhe* dativo se atenuou, usando-se de preferência as expressões *a ele, para ele, a você, para você*, seguindo uma tendência analítica da língua. Se se considerar a assimilação do *lhe* como pronome com função acusativa, parece haver uma regularização no PB: *me* e *te*, acusativo e dativo, e *lhe*, também, acusativo e dativo.

A considerar esses dados, perguntamo-nos em que medida as cartas cearenses espelham a variação *te~lhe*, qual a frequência, em termos de tendência, desse uso na escrita dessas cartas novecentistas e que motivações linguísticas condicionam o uso dessa variação. É o que pretendemos apresentar neste artigo.

A seguir serão detalhados os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e a codificação das cartas da amostra.

3. Procedimentos metodológicos adotados para a análise das cartas

Para compreender os aspectos da variação entre as formas *te/lhe*, fizemos uma pesquisa de caráter empírico e documental, tendo como *corpus* 186 cartas escritas por cearenses, estratificadas por décadas em que foram escritas e sexo dos remetentes. Para a constituição do *corpus*, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- a) os documentos históricos deveriam apresentar a estrutura do gênero carta pessoal;
- b) os autores das cartas deveriam ter nascido e vivido até a juventude no estado do Ceará;
- c) as cartas deveriam ser escritas por pessoas não ilustres;
- d) as cartas deveriam ser escritas entre 1940 e 1999;
- e) a coleta das cartas deveria ser feita diretamente com o proprietário do acervo, para facilitar e garantir a identificação de informações sociais a respeito dos remetentes e dos destinatários;
- f) as cartas poderiam ter sido escritas e trocadas entre parentes, amigos, namorados, noivos ou cônjuges;
- g) as cartas que comporiam a amostra deveriam ser escritas por homens e por mulheres.

Os critérios supracitados foram adotados com o objetivo de atender, ao máximo, as exigências metodológicas propostas pela Sociolinguística Variacionista, no tocante à estratificação do *corpus*.

3.1 - Amostra das cartas pessoais cearenses analisadas

Para este trabalho, expõem-se em análise 186 cartas pessoais cearenses trocadas entre amigos, entre familiares e entre namorados, estratificadas por décadas do século XX e sexo dos remetentes. A estratificação por década pode ser conferida no quadro 2, a seguir.

Cartas pessoais cearenses			
1940 a 1959	1960 a 1979	1980 a 1999	Total
26 cartas	80 cartas	80 cartas	186

Quadro 2. Amostra de cartas pessoais cearenses por décadas.

A distribuição de cartas ficou prejudicada nas décadas de 1940 e de 1950, dada a ausência de cartas cearenses durante esse período. Consciente dos limites que o *corpus* imprime ao trabalho nos termos da Sociolinguística histórica, resta ao pesquisador fazer o melhor uso dos dados de que dispõe. Como alerta Labov (1994, p. 11), os documentos históricos (neste caso, as cartas) sobrevivem por acaso, não por intenção, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. Assim, a amostra tem, por exemplo, mais cartas de pessoas que mantinham com seus destinatários uma relação simétrica (de igual para igual, como amigos, cunhados, primos, irmãos e cônjuges) do que de pessoas que mantinham uma relação assimétrica (de poder, como pai e filho, patrão e empregado, tio e sobrinho etc.); mais cartas escritas por homens do que por mulheres; mais cartas escritas por adultos do que por jovens; mais cartas escritas a partir da segunda metade do século XX do que nas décadas anteriores; as cartas dos anos 1940 aos anos 1960 são predominantemente de adultos para adultos, enquanto as cartas escritas a partir dos anos 1970 até o ano 1999 são principalmente de jovens para jovens. Tais características inviabilizam um equilíbrio na composição das células representativas dos diversos segmentos que envolvem a amostra (década, sexo do remetente, idade do remetente, relação remetente/destinatário etc.). Com o objetivo de manter as células sociais relativamente equilibradas, dividimos o período de 1940 a 1999 em três blocos de 20 anos: 1º período: 1940-1959, 2º período: 1960-1979, 3º período: 1980-1999. Controlamos também a variável 'sexo do remetente', embora não apresentemos os resultados referentes à atuação desse grupo de fatores neste estudo. O quadro 3, a seguir, explicita essa estratificação.

Décadas	Sexo dos autores das cartas	
	Masculino	Feminino
1940 e 1950	14	12
1960 e 1970	40	40
1980 e 1990	40	40
Total	94	92

Quadro 3. Amostra de cartas por década e por sexo da autoria das cartas.

O quadro mostra que houve equilíbrio no número de cartas por sexo dos remetentes das cartas nas quatro últimas décadas, sendo 40 cartas escritas por homens e 40 escritas por mulheres. Já as décadas de 1940 e de 1950 são compostas por apenas 14 cartas escritas por homens e 12 cartas escritas por mulheres. No total, são 94 cartas escritas por homens e 92 escritas por mulheres.

Uma vez detalhada a amostra que subsidiou este estudo, serão apresentadas as variáveis linguísticas e a variável extralinguística década controladas para efeito de análise dos dados.

3.2 - Variáveis

Variável dependente

A variável dependente é a alternância entre os clíticos *te* e *lhe* como complemento verbal acusativo.

Variáveis independentes linguísticas

Controlamos três variáveis linguísticas, a saber: *tipo semântico do verbo* (verbos de atividade, cognitivos, *dicendi*, existenciais, materiais, perceptivos, relacionais, sentimentais); *estrutura do verbo* (forma simples, forma complexa); *posição do clítico* (verbo na 1ª posição absoluta, verbo em oração não inicial, próclise em oração justaposta ou coordenada sem conectivo, próclise em oração subordinada reduzida não antecedida de preposição, próclise após conjunção, próclise após advérbio, próclise após substantivo, próclise após pronome, próclise após verbo auxiliar, próclise após preposição, ênclise) e *tempo/modo e formas nominais dos verbos* (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do

indicativo, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, imperativo, infinitivo, gerúndio, participípio).

Neste texto, por questão de espaço, serão apresentadas as variáveis linguísticas tipo semântico do verbo, estrutura do verbo da oração e posição do clítico detalhadas a seguir.

Em seguida, apresentaremos a variável extralinguística década em que as cartas foram escritas.

Tipo semântico do verbo

Os verbos que compõem essa variável foram codificados com base na categorização semântica proposta por Scheibman (2000) que propõe nove categorias, a saber: *verbos de cognição* (cognitivos): os que descrevem alguma atividade mental; *verbos de atividade corporal*: os que descrevem gestos ou interações corporais; *verbos existenciais*: os que expressam existência ou acontecimento; *verbos de sentimento* (sentimentais): os que indicam emoção ou desejo; *verbos materiais*: os que se referem a ações ou atitudes concretas ou abstratas; *verbos de percepção* (perceptivos): os que indicam percepção ou atenção; *verbos possessivos/relacionais*: os que indicam posse ou pertinência; verbos relacionais: os que se expressam uma característica do ser; e *verbos dicendi*: os que indicam ações verbais.

A nossa hipótese, ao controlar esse grupo de fatores, era a de que verbos que expressam sentimento (*desejar, querer, esperar, amar* etc.) e verbos de percepção (*ver, ouvir, encontrar* etc.) desfavorecem o uso de *lhe* como 2ª pessoa, uma vez que, por ser esse um pronome usado tradicionalmente na língua como forma V, carrega ainda traços de formalidade e distanciamento, sendo por isso evitado com verbos que expressam intimidade e proximidade.

A seguir, damos exemplos de ocorrência dos clíticos com cada um desses tipos de verbos:

a. verbos de cognição (cognitivos):

(04) a Nazaré tem vontade de *ti conhecer* [C031]

(05) A irmã que não *lhe esquece* [C042]

b. verbos de atividade corporal⁷:

(06) o Arlindo *te abraça* [C079]

c. verbos existenciais: não houve exemplos de clíticos acusativos com verbos existenciais.

d. verbos de sentimento:

(07) Irmãos, sempre tenho em lembrança os dias em que trabalhamos juntos pois *ti amo* [C011]

(08) beijos dos netinhos que *lhe amam* [C053]

e. verbos materiais:

(09) que a virgem mãe de Deus *te cubra* com o manto [C093]

(10) assim como Deus *lhe levantou* para trabalhar ahi, pode levantar outro [C008]

f. verbos de percepção (perceptivos)

(11) mas quando *te vi* percebi que não era tristeza [C058]

(12) Eu bem quisera ter tempo para escrever, ou melhor, está sempre *lhe vendo* [C025]

g. verbos possessivos/relacionais⁸:

(13) tua irmã que sempre *te tem* em lembrança [C006]

h. verbos relacionais: não houve exemplos de clíticos acusativos com verbos existenciais.

i. verbos *dicendi*

(14) Caro irmão desde agora *ti convido* a fazeres um exforço a vir a festinha em Pomta-de-Serra [C011]

⁷ Não houve ocorrência de *lhe* com esse verbo.

⁸ Não houve ocorrências de *lhe* com esse tipo de verbo.

- (15) todos nós *lhe saudamos* em nome do Senhor Jesus [C002]

Estrutura do verbo da oração

Como dissemos, codificamos os verbos da amostra em formas simples (*escrevo*) e formas complexas (*tenho escrito, devo escrever*). Nossa hipótese para esse grupo de fatores era que *lhe* seria mais frequente em estruturas complexas, enquanto *te* o seria em formas simples.

Exemplificamos a seguir as ocorrências de *te* e de *lhe* com verbos nas diferentes estruturas:

a. formas simples

- (16) da tua irmã que não *te esquecesse* [C143]
 (17) e eu sabendo que não *lhe encontro* em Quixadá neste dia, deixo para ir só no dia 17 [C013]

b. formas complexas

- (18) como é que eu sendo esquecida não *consigo te esquecer*. [C058]
 (19) Como eu *esperava encontrar-lhe* em Belém do Pará [C022]

Posição dos pronomes *te~lhe* em relação ao verbo

Os pronomes oblíquos átonos da língua portuguesa dependem dos verbos que os regem e podem ser usados antes ou depois destes. Numa fase anterior da língua, ocorria também a intercalação do pronome à forma verbal no futuro do presente ou no futuro do pretérito. A essas posições, dá-se, respectivamente, o nome de *próclise*, *ênclise* e *mesóclise*.

Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que os autores das cartas cearenses preferem a próclise por ser a tendência atestada no português do Brasil (PAGOTTO, 1992; COELHO, 2003; SCHEI, 2003), sendo a ênclise usada quando o enunciador busca seguir rigorosamente as prescrições gramaticais construídas com base no “discurso sobre a norma culta” no Brasil (PAGOTTO, 1999, p. 51).

Esse grupo de fatores foi adaptado do estudo de Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011), que detalha os contextos variáveis de próclise e ênclise do português europeu e do português brasileiro.

Exemplificamos a seguir as ocorrências de *te* e de *lhe* nas diferentes posições em relação ao verbo regente:

a. verbo na 1ª posição absoluta:

- (20) *Te cuida* gata e não me traia [C165]
 (21) *Lhe* aconselho ainda [C070]

b. próclise em oração justaposta ou coordenada sem conectivo⁹:

- (22) *Te amo, te quero* [C184]

c. próclise após conjunção:

- (23) Aqui todos os meus filhos estão bons *e te saudão* [C087]
 (24) acha *que lhe* esqueci, mas não [C075]

d. próclise após advérbio:

- (25) tua irmã que *sempre te* tem em lembrança [C013]
 (26) está *sempre lhe* vendo [C025]

e. próclise após substantivo:

- (27) A sua querida irmã *Ernestina lhe* espera [C034]
 (28) assim como *Deus lhe* levantou para trabalhar ahi [C008]

⁹ Não houve casos de *lhe* nessa posição.

f. próclise após pronome:

- (29) Espero que *esta te* encontre com saúde [C038]
 (30) todos *nós lhe* saudamos em nome do Senhor Jesus [C002]

g. próclise após verbo auxiliar:

- (31) espero que esta *va ti* encontrar gozando as mesmas [C031]
 (32) ele então *ia lhe* convidar para ires a Campina Grande [C130]

h. próclise após preposição:

- (33) O que eu puder fazer *para ti* ajudar eu estou aqui [C170]
 (34) Mamãe eu tenho tanta vontade *de lhe* ver [C041]

i. ênclise:

- (35) muitos irmãos desejavam conhecer-*te* pessoalmente [C043]
 (36) Saudo-*lhe* com o versículo 33 de Romanos do capítulo II [C013]

Variável independente extralinguística: *décadas em que as cartas foram escritas*

Na amostra, as cartas foram estratificadas por décadas e sexo dos remetentes. Contudo, neste texto, os resultados por sexo não serão apresentados¹⁰. São, portanto, 94 cartas escritas por homens e 92 cartas escritas por mulheres.

Décadas

As cartas estão estratificadas pelas seguintes décadas:

- Décadas de 1940 e 1950
- Décadas de 1960 e 1970
- Décadas de 1980 e 1990

A nossa expectativa era de que o *lhe* com referência a 2ª pessoa em alternância com o *te* se acentuasse ao longo das décadas nas cartas cearenses. Passemos para a análise e interpretação dos resultados.

4. Análise da alternância *te~lhe* acusativo em cartas cearenses

Em termos totais, foram levantadas 149 ocorrências dos clíticos *te* e *lhe* com função de acusativo, sendo 90 (60%) de *te* e 59 (40%) de *lhe*. O gráfico 1, a seguir, ilustra esses resultados.

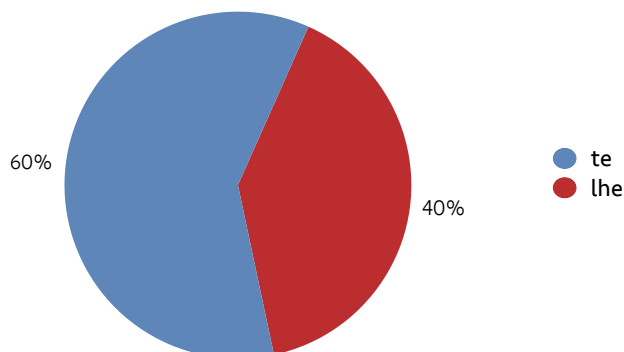


Gráfico 1. Percentual das formas *te* e *lhe* acusativo nas cartas analisadas.

¹⁰ Para o conhecimento desses resultados, cf. Araújo (2014) em http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/8903/1/2014_dis_fjnaraujo.pdf.

Como dissemos, a forma *lhe* originou-se do latim *illi*, dativo de *ille* (“aquele”). Para Nascentes (2003, p. 447) o emprego dativo de *lhe* se atenuou seguindo uma tendência da língua de regularizar as formas de funções semelhantes. Ou seja: como *te* tanto é dativo (*Isso te pertence?*) quanto acusativo (*Isso te incomoda?*), o clítico *lhe*, ao entrar em competição com *te*, passou também a servir tanto como dativo quanto como acusativo, equiparando-se aos outros oblíquos (*me, te, se, nos e vos*), que se usam em ambas as funções.

Após amalgamações e exclusões, o *GoldVarb X* selecionou como variável significativa apenas o tipo semântico do verbo. A atuação desse grupo de fatores será analisada a seguir.

4.1 - Tipo semântico do verbo

Como dissemos, seguimos a classificação de Scheibman (2000), que define *dicendi* como verbos que indicam ações verbais. Nesse sentido, incluímos como verbos *dicendi* verbos como *abençoar, parabenizar, convidar*. Daí a ocorrência de pronomes acusativos também com os verbos *dicendi* na amostra.

Os verbos cognitivos, segundo o autor, são os que descrevem alguma atividade mental (*conhecer, esquecer*). Como só houve um dado de verbo possessivo-relacional (tua irmã que sempre *te tem* em lembrança - C006), resolvemos amalgamá-lo com os verbos cognitivos devido ao aspecto semântico do verbo nesse dado.

As sete ocorrências de verbos categorizados como de *atividade corporal*, aqueles que descrevem gestos ou interações corporais (*abraçar, beijar*), apresentaram nocautes. Todas ocorreram com a forma *te*. Assim, fizemos a amalgamação com verbos materiais que exprimem ações ou atividades (*fazer, escrever*).

Os resultados desse grupo de fatores podem ser conferidos na tabela seguinte.

Tipo semântico do verbo	TE	LHE	Total
Dicendi convidar, abençoar	6 (32%)	13 (68%)	19
Cognitivos/ Possessivos- relacionais conhecer, esquecer	16 (64%)	9 (36%)	25
Materiais/De atividade fazer, escrever	31 (63%)	18 (37%)	49
Sentimentais amar, estimar	22 (88%)	3 (12%)	25
Perceptivos ver, encontrar	15 (48%)	16 (52%)	31
Total	90 (60%)	59 (40%)	149

Tabela 1. Tipo semântico do verbo em relação ao uso dos pronomes *te* e *lhe*.

Observando a primeira linha, verificamos que a forma *lhe* foi mais frequente em verbos *dicendi*: 13 (68%) das 19 formas de *lhe* ocorreram com esse tipo de verbo. Interessante observar que, dos 25 dados de verbos sentimentais, 22 (88%) ocorreram com a forma *te*. Esse dado confirma nossa expectativa de que verbos que exprimem sentimento desfavorecem o uso de *lhe* como 2ª pessoa por guardar traços de formalidade e distanciamento, sendo por isso evitado com verbos sentimentais, que expressam intimidade e proximidade.

Como dissemos, esse grupo de fatores foi o único selecionado como significativo pelo programa. Os resultados estão expostos na tabela seguinte.

Tipo semântico do verbo	LHE	P.R
Dicendi	13/19 (68%)	0,78
Perceptivos	16/31 (52%)	0,63
Materiais / Atividade	18/49 (37%)	0,49
Cognitivos / Possessivos relacionais	9/25 (36%)	0,48
Sentimentais	2/25 (12%)	0,18
Total	58/149 (40%)	-

Tabela 2. Tipo semântico do verbo em relação ao uso de *lhe*.

Note-se, na tabela 2, que os verbos *dicendi* foram favorecedores (0,78) de *lhe*, e os verbos sentimentais desfavorecedores (0,18), confirmando a nossa expectativa.

Os fragmentos abaixo mostram *lhe* em função acusativa com verbos *dicendi*, seguindo a classificação adotada:

- (37) todos nós *lhe* saudamos em nome do Senhor Jesus [C004]
- (38) Sirvo-me da presente para convidar-*lhe*, e a igreja do Senhor aí, para se fazer presente no dia 11 de agosto ... [C069]

Os dois casos de *lhe* acusativo com verbos sentimentais foram:

- (39) beijos dos netinhos que *lhe* amam [C053]
- (40) Mais uma vez volto a *lhe* aborrecer [C070]

4.2 - Posição dos pronomes *te~lhe* em relação ao verbo

Passemos para a variável posição dos pronomes *te~lhe* em relação ao verbo.

Em termos gerais, a próclise foi, nas cartas cearenses, a posição mais frequente; do total de 149 ocorrências, 139 (94%) são de próclise e 10 (6%) são de ênclise. Esse dado reforça a assertiva de estudiosos (CASTILHO, 2012; BAGNO, 2012), que atestam ser a próclise a posição preferida do PB. Contudo, a fim de rastrear os contextos sintáticos da posição do *te~lhe*, fizemos um controle mais detalhado desses contextos. Essa variável é, portanto, uma adaptação da análise proposta em Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011). Os resultados podem ser conferidos na tabela seguinte.

Posição dos clíticos	TE	LHE	TOTAL
Verbo na 1ª posição absoluta	6 (86%)	1 (14%)	7
Oração justaposta ou coordenada sem conectivo	4 (100%)	0	4
Próclise após conjunção	13 (62%)	8 (38%)	21
Próclise após advérbio	19 (61%)	12 (39%)	31
Próclise após substantivo	12 (60%)	8 (40%)	20
Próclise após pronome	8 (61%)	5 (39%)	13
Próclise após verbo auxiliar	13 (56%)	10 (44%)	23
Próclise após preposição	11 (55%)	9 (45%)	20
Ênclise	4(40%)	6 (60%)	10
Total	90 (60%)	59 (40%)	149

Tabela 3. Posição dos clíticos *te* e *lhe* nas cartas cearenses.

A tabela mostra que, dentre os casos de próclise, a forma *te* prevaleceu sobre a forma *lhe* com uma diferença considerável, não havendo um só tipo de próclise em que *lhe* tenha sido mais recorrente do que *te*. Vejamos:

Das 7 ocorrências de verbo na 1ª posição absoluta, 86% são de *te* e 14% (1 ocorrência apenas – *Lhe* aconselho ainda [C070]) de *lhe*; os 4 casos de orações justapostas ou coordenadas aparecem com *te* em posição de próclise categoricamente.

Em todos os outros casos de próclise, *te* prevalece sobre *lhe* com função referencial de 2ª pessoa do discurso: próclise após conjunção (*te* - 62% e *lhe* - 38%); próclise após advérbio (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após substantivo (*te* - 60% e *lhe* - 40%); próclise após pronome (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após verbo auxiliar (*te* - 56% e *lhe* - 44%); próclise após preposição (*te* - 55% e *lhe* - 45%). Apesar dos poucos dados, a ênclise parece ser, nas cartas cearenses, a posição preferida do *lhe* (60% dos 10 casos). Na seção de metodologia, é possível conferir exemplos desses contextos sintáticos.

Segundo Brown e Gilman (1960), à luz da teoria T-V (T de *tu* e V de *vos*, em latim), o uso dessas formas de tratamento norteia-se por dois princípios: o de “poder” e de “solidariedade”. Em geral, as formas T são usadas em relações que estabelecem intimidade entre os interlocutores e as formas V são mais formais.

Tais resultados parecem espelhar essa direção: o *te* – forma T – foi a forma preferida nas cartas pessoais cearenses trocadas entre amigos, entre familiares (irmãos, filha/mãe, sobrinha/tia, primos, cunhados), portanto, em situações mais informais e íntimas.

Acreditamos que, por ainda carregar o traço de formalidade das formas de cortesia, o pronome *lhe* – forma V – foi menos usado nas cartas pessoais. Interessante observar que, na posição de ênclise, essa foi a forma preferida pelos autores. Tal fato se coaduna com a formalidade que essa posição sintática parece imprimir no português brasileiro. A ênclise não é a posição natural da gramática do português brasileiro: “o português europeu generaliza a ênclise, e o português brasileiro, a próclise” (CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO, 2011, p. 6).

Os 6 casos de *lhe* em posição de ênclise são:

- (41) *Saudo-lhe* com o versículo 33 de Romanos do capítulo II [C013]
- (42) *Sirvo-me da presente para convidar-lhe*, e a igreja do Senhor aí, para se fazer presente [C029]
- (43) Como eu esperava *encontrar-lhe* em Belém do Pará, levei para ali o seu último recibo [C022]
- (44) *parabenizo-lhe* por está esperando um filho [C131]
- (45) Francisco já que vou custar a *ver-lhe* [C058]

(46) isto é só vou *ver-lhe* em dezembro [C058]

Dos 6 casos de ênclise com *lhe* acusativo, três – (41), (42) e (43) – foram usados em cartas escritas por homens que ocupam o ofício de pastor evangélico e são endereçadas para o mesmo destinatário que também é pastor. A ocorrência (44) foi escrita por uma mulher à sua cunhada, e as ocorrências (45) e (46) foram usadas numa mesma carta escrita para um amigo ex-colega de escola do remetente.

4.3 - Estrutura do verbo

A fim de verificarmos o comportamento dos clíticos quanto à posição em relação à estrutura do verbo na amostra, realizamos o cruzamento desses dois fatores e obtivemos o resultado que expomos na tabela 4:

	TE		LHE		Total de ocorrências
	Formas simples	Formas complexas	Formas simples	Formas complexas	
Próclise com verbo na 1ª pos. absoluta	6 (80%)	0	1 (14%)	0	7
Próclise em oração justaposta ou coordenada sem conectivo	0	0	4 (100%)	0	4
Próclise após conjunções	13 (62%)	0	8 (38%)	0	21
Próclise após advérbios	19 (66%)	0	10 (34%)	2 (100%)	31
Próclise após substantivos	12 (63%)	0	7 (37%)	1 (100%)	20
Próclise após pronomes	8 (62%)	0	5 (38%)	0	13
Próclise após verbo auxiliar	0	13 (57%)	0	10 (43%)	23
Próclise após preposição	11 (58%)	0	8 (42%)	1 (100%)	20
Ênclise	2 (33%)	2 (50%)	4 (67%)	2 (50%)	10
Total	75/118 (64%)	15/31 (48%)	43/118 (36%)	16/31 (52%)	149

Tabela 4. Posição dos clíticos *te* e *lhe* na oração vs. estrutura das formas verbais.

Ao todo, dos 149 dados, 64% são de formas *te* com verbos simples e 48% com formas complexas. Observa-se que o clítico *te* acusativo foi muito frequente especialmente com verbos simples (64%) e exclusivamente em posição de próclise nesses contextos sintáticos.

Em orações com verbo na 1ª posição absoluta (7 casos), a forma *te* foi a mais usada pelos autores, com 80% de uso. Só houve uma ocorrência de *lhe* acusativo nessa posição (*lhe* aconselhamos), que também ocorreu com verbo em forma simples.

Esses resultados espelham nossa expectativa de encontrar mais próclise nas cartas cearenses por ser essa a tendência de uso preferida do português do Brasil. Esses dados corroboram resultados de outros estudos (cf. PAGOTTO, 1992; COELHO, 2003; SCHEI, 2003; CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO, 2011), bem como refletem o encaixamento dessa posição proclítica na sintaxe brasileira.

Apesar dos poucos dados, 59 ocorrências de *lhe*, é possível afirmar, em termos percentuais, que essa forma foi mais usada com verbos com estruturas complexas (52%). Como já dissemos, dos 10 casos de ênclise, 6 ocorreram com *lhe*, sendo 4 (67%) com verbos simples e 2 (50%) com verbos de estrutura complexa. Essas duas ocorrências de *lhe* em verbos de estrutura complexa estão transcritas abaixo:

- (47) Como eu *esperava encontrar-lhe* em Belém do Pará, levei para ali o seu último recibo [C022]
 (48) isto é só *vou ver-lhe* em dezembro [C058]

Vejamos, agora, como a alternância *te~lhe* acusativo se deu ao longo das décadas em que foram escritas as cartas da amostra.

4.4 - Te e lhe distribuídas por décadas do século XX

Como explicamos, analisamos as ocorrências de *te* e de *lhe* em 186 cartas pessoais escritas por cearenses entre os anos de 1940 e 1999, dividindo esse período em intervalos de 20 anos: 1940 a 1959, 1960 a 1979 e 1980 a 1999. Com o objetivo de compreender a distribuição dessas formas, nas cartas cearenses, ao longo dos períodos controlados, apresentamos a seguir os resultados dessa variável.

Períodos	TE	LHE	TOTAL
I - 1940-1959	7 (44%)	9 (56%)	16
II - 1960-1979	34 (54%)	29 (46%)	63
III - 1980-1999	49 (70%)	21 (30%)	70
Total	90 (60 %)	59 (40%)	149

Tabela 5. Frequência de *te* e *lhe* por décadas do século XX.

Nota-se, na amostra, que, em termos totais, o *te* foi a forma mais frequente, com 60% de uso. Essa frequência de *te* acusativo aumentou ao longo dos três períodos analisados: 44% em I, 54% em II e 70% em III. Já a forma *lhe* acusativo com referência à 2ª pessoa do discurso apresentou um decréscimo, em termos percentuais, ao longo dos períodos: 56% em I, 46% em II e 30% em III.

Ressaltamos que, nos anos de 1940 a 1959, foram analisadas 26 cartas enquanto nos cada um dos demais períodos (60-79 e 80-99) foram 80 cartas. Ainda assim, consideramos um alto percentual de *lhe* nos anos de 1940-1959, visto que dos 16 casos de *te~lhe*, 9 casos, ou seja, 56%, são de *lhe* com função sintática de acusativo com referência à 2ª pessoa, quando a gramática normativa (CUNHA, 1986; BECHARA, 2003) diz que a forma pronominal *lhe* exerce apenas função sintática de dativo.

A seguir, no gráfico 2, ilustramos a trajetória de *te~lhe* na amostra.

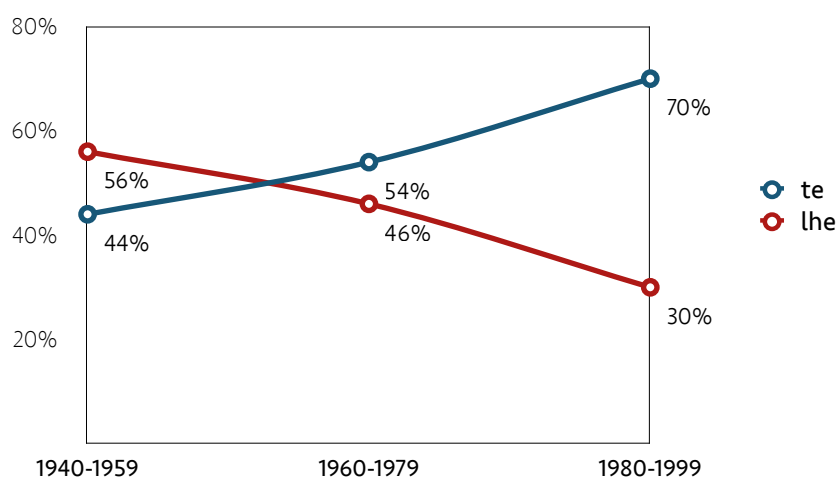


Gráfico 2. Frequência de *te* e *lhe* acusativo por décadas do século XX.

Inicialmente, havíamos suposto que, no período de 1940-59, essa forma-função do *lhe* fosse pouco frequente. Conforme o estudo de Duarte (1993), a competição entre *tu* (do qual *te* é a forma objetiva) e *ocê* (cuja forma objetiva é *lhe*) começa a se intensificar a partir da década de 1930 e, na amostra do *Corpus Compartilhado Diacrônico: cartas pessoais brasileiras* (OLIVEIRA; LOPES, 2007), nas 97 cartas trocadas por um casal de noivos do Rio de Janeiro entre os anos 1936 e 1937, são raríssimas as ocorrências de *lhe* com valor de 2ª pessoa. Entretanto, como vimos, nas cartas cearenses, o *lhe* já é bastante usado (56%) em 1940-50.

Em geral, havíamos presumido que o *lhe* se acentuaria ao longo das décadas. Após os resultados, essa expectativa é contrariada: essa forma decaiu ao longo das décadas nas cartas cearenses novecentistas: 56% em 1940-59, 46% nos anos 1960-1979 e 30% nos anos de 1980-1999. Observe que em 1960-79 a alternância entre *te~lhe* apresenta uma competição acirrada, nas cartas cearenses.

É importante dizer que as 26 cartas de 1940-50 foram escritas por 20 pessoas diferentes, todas para a um mesmo destinatário, o pastor José Alencar de Macedo. São cartas de evangélicos, alguns parentes do pastor (irmãs de sangue e cunhados) e outros amigos ou pastores como ele. As cartas deixam transparecer pouca intimidade entre os interlocutores, razão, talvez, por que a forma *lhe* (56%) – forma V, de formalidade e distanciamento – se faça mais frequente do que *te* (44%) – forma T, de intimidade e proximidade (BROWN; GILMAN, 1960) –, nas cartas desse período. Para ilustrar o que afirmamos, observem-se os exemplos abaixo:

- (49) Ainda não tinha *lhe* escrito porque até então não tínhamos certeza da sua residência (...) Zeca passo agora contarte algo de alguma couza da minha vida ministerial (...) O Juvito tem *lhe* escrito? (...) Zeca eu te envio esta minha fotografia, que terei quando estava no Pará; pesava 75 Kilos. (...) Iracema vai *lhe* escrever algumas cousas (...) todos nós *lhe* saudamos em nome do Senhor Jesus. [C002].
- (50) assim como Deus *lhe* levantou para trabalhar ahi, pode levantar outro (...) digo isto não para *lhe* militar¹¹, mais sim pela consideração [C008]

A carta 002 do exemplo (49) é de família, enviada por um pastor evangélico a seu cunhado também pastor. Note que nela ocorrem muitos clíticos, mas apenas um tem função acusativa, que é justamente *lhe* com um verbo *dicendi*. Apesar de *te* também aparecer nessa carta, é *lhe* que prevalece. Já a carta 003 do exemplo (50) é de amigo desse um pastor e apresenta apenas duas ocorrências de clítico, ambas de *lhe* acusativo.

Quanto às cartas das duas últimas décadas, temos predominantemente cartas de amigos, escritas por jovens entre 15 e 25 anos. Foram 80 cartas escritas por 33 pessoas diferentes. Percebe-se nessas correspondências uma relação de informalidade e de intimidade, o que pode ter favorecido o *te*. Os trechos abaixo ilustram o que afirmamos:

- (51) queria poder estar aí e até ser uma pessoa em que pudesse fazer você esquecer quem tanto *te* magoou (...) O que eu puder fazer para *ti* ajudar eu estou aqui (...) um dia você irá encontrar alguém que realmente *te* ama (...) quero *lhe* mostrar que não devemos nos desesperar (...) estou aqui para *te* ajudar. *Te* Adoro meu amigo [C170]
- (52) quero *te* encontrar linda e maravilhosa (...) irei *te* ver logo hoje (...) ainda *te* adoro (...) o ônibus está correndo para eu *te* ver (...) *te* amo, *te* quero (...) estou marcando no relógio os minutos que faltam pra *te* encontrar. Estou com vontade de *te* beijar, de *te* abraçar, de *te* amar. [C184]

A carta 170 do exemplo (51) é de uma garota de 17 anos a um amigo seu de mesma idade. Note-se o acusativo sendo aí codificado sob duas formas alternantes: *você* e *te/ti*. A forma *lhe* aparece na carta, mas com função de dativo. Note-se, ainda, a presença de verbos de sentimento (*amar*, *adorar*, *magoar*) que, como vimos, favorecem o uso de *te*.

Já a carta 184 (exemplo 52) é uma carta de amor, escrita por um jovem a sua namorada enquanto ele viaja a seu encontro. Nesta correspondência, o uso de *te* é categórico e predominam verbos de sentimento (*adorar*, *amar*, *querer*), de percepção (*encontrar*, *ver*) e de atividade corporal (*beijar*, *abraçar*, *amar*, este no sentido de “praticar o amor físico com” [FERREIRA, 2010]).

Apesar de predominar *te* nas cartas dos anos 1980-90, encontramos ainda neste período cartas em que o uso de *lhe* acusativo se faz presente, como em (53), uma carta de amigo, da mesma autora da carta 170:

¹¹ Melindrar.

- (53) que Deus *lhe* acompanhe. Não *lhe* escrevi antes pois estou um pouco ocupada, pois como *lhe* falei (...) preciso *lhe* vê (...) queria *lhe* pedir se possível mandasse para mim duas letras de música (...) *te* agradeço por tudo, *te* adoro [173]

Note-se aí o uso de *lhe* tanto como acusativo (*lhe acompanhe, lhe vê*) quanto como dativo (*lhe escrevi, lhe pedir*). O mesmo se dá com *te*: acusativo em *te adoro* e dativo em *te agradeço*.

Note-se ainda que a presença de verbos de sentimento (*amar, adorar, magoar, querer*), nos fragmentos de cartas acima, imprimem um certo tom de informalidade e intimidade entre os interlocutores. Interessante observar o forte uso de *te* nesses fragmentos.

Considerações finais

Na produção das 186 cartas escritas por cearenses, o controle da alternância entre *te~lhe* como clíticos acusativos de 2ª pessoa evidenciou as frequências de 60% de *te* e 40% de *lhe*. O *te* em competição com *lhe* foi mais recorrente nas cartas cearenses.

A variável tipo semântico do verbo foi a única selecionada significativamente pelo *Goldvarb X*. Os resultados mostram que verbos *dicendi* – considerando a classificação de Scheibman (2000) – favorecem o uso de *lhe* e verbos de sentimento desfavorecem esse uso. Os verbos de sentimento foram usados preferencialmente com o clítico *te*.

O detalhamento dos contextos sintáticos da variável posição dos clíticos *te~lhe*, nas cartas cearenses novecentistas, demonstrou que:

- a) ocorrências de verbo na 1ª posição absoluta favoreceram o uso de *te* (86%);
- b) os 4 casos de orações justapostas ou coordenadas foram de *te* categórico em posição de próclise;
- c) em todos os outros casos de próclise, *te* foi favorecido: próclise após conjunção (*te* - 62% e *lhe* - 38%); próclise após advérbio (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após substantivo (*te* - 60% e *lhe* - 40%); próclise após pronome (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após verbo auxiliar (*te* - 56% e *lhe* - 44%); próclise após preposição (*te* - 55% e *lhe* - 45%);
- d) a ênclise apresentou 60% de *lhe* (6 dos 10 casos) nas cartas cearenses.

Vale ressaltar que os 6 casos de *lhe* em ênclise estão concentrados num pequeno conjunto de cartas escritas por homens que ocupam o ofício de pastor evangélico e foram endereçadas para o mesmo destinatário que também é pastor. É necessário, portanto, ampliar a amostra a fim de investigar com mais detalhes até que ponto esses resultados espelham a escrita cearense ou são reflexos do estilo dos autores dessas cartas.

O cruzamento da posição do clítico vs. estrutura do verbo o clítico *te* acusativo ocorreu especialmente com verbos simples (64%) e exclusivamente em posição de próclise. Esses resultados confirmam nossa expectativa de encontrar um alto percentual de próclise nas cartas cearenses do século XX por ser essa a tendência de uso dos pronomes clíticos do português do Brasil. O *lhe* foi menos usado nas cartas e, dos poucos 16 casos, a próclise prevalece. Só ocorreram 2 casos de ênclise com verbos de estrutura complexa (Como eu *esperava encontrar-lhe; só vou ver-lhe* em dezembro).

A variável extralinguística década em que as cartas foram escritas evidenciou que houve um aumento no uso de *te* acusativo ao longo dos anos 40 e 50 (44%), 60 e 70 (54%) e 80-90 (70%). Já a forma *lhe* acusativo com referência à 2ª pessoa do discurso apresentou um decréscimo, em termos percentuais, ao longo desses anos: 56%, 46% e 30%, respectivamente.

Ressaltamos que nos anos de 40 e 50 foram consideradas menos cartas (26 cartas) do que nos demais anos (80 cartas por período - 60-79 e 80-99) e durante esse período foram contabilizadas 16 ocorrências de *te~lhe*, sendo 9 casos, ou seja, 56%, *lhe* com função sintática de acusativo com referência à 2ª pessoa. Apesar dos poucos dados, avaliamos que esse é um alto percentual dessa forma-função, considerando que, em geral, a gramática normativa (CUNHA, 1986; BECHARA, 2003) nem menciona essa função sintática da forma pronominal *lhe*.

Em geral, essas cartas deixam transparecer pouca intimidade entre os interlocutores, razão, talvez, por que a forma *lhe* (56%) – forma V, de formalidade e distanciamento – se faça mais frequente do que *te* (44%) – forma T, de intimidade e proximidade (BROWN; GILMAN, 1960) –, nas cartas desse período.

Salientamos que se faz necessário não só ampliar a amostra das décadas de 40 e 50, bem como rastrear documentos históricos de períodos anteriores a esse, a fim de compreender melhor o uso de *lhe* acusativo, bem como o comportamento variável dos clíticos em tela, na escrita cearense.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, G. de S. *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Gênero social e norma linguística: estudo de formas de tratamento em cartas pessoais. In: PRETI, D. (Org.). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011. p. 111-131.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. *American Anthropologist* 4 (6), p. 24–39, 1960.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, C. R. O., DUARTE, M. E. L., PAGOTTO, E. G. *Clíticos no século 19: uma questão de posição social?* (no prelo), 2011. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/silviare/Home/documentos>>.
- COELHO, T. M. S. *A sínclise dos substantivos pessoais átonos no português oral culto de Fortaleza: aspectos sociolinguísticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, A.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- LABOV, W. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Alabama Press, 1972.
- _____. *Principles of Linguistic Change: Internal factors*. Oxford / Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Ensino de gramática – descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-119.
- _____; CAVALCANTE, S. A cronologia do ‘voceamento’ no português brasileiro: expansão de você sujeito e retenção do clítico te. *Linguística*. vol. 25, p. 30-65, 2011.
- _____; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção*. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ. 2005. p. 45-66.
- LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MACHADO, A. C. M. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MOTA, M. A. *A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NASCENTES, A. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
- OLIVEIRA, R.; LOPES, C. *Retratos da mudança no sistema pronominal: Usos tratamentais cariocas na diacronia e sincronia*. Edital Jovem Cientista da FAPERJ, Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.sigmafoco.scire.coppe.ufrj.br/UFRJ/sigma/projetos/consulta/relatorio.stm?app=PROJETOS&codigo=15418&buscas_cruzadas=ON>.
- PAGOTTO, E. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

- _____. *A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX*. Comunicação apresentada no III Seminário para a história do português do Brasil. Campinas: UNICAMP, 1999.
- RAMOS, J. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 43-59.
- RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome "Você" no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.
- SALES, I. A. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SCHEI, Ane. *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. São Paulo, 2003.
- SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90.
- SILVA, E. N. A. A variação entre as formas pronominais da segunda pessoa "tu" e "você" em cartas de 1930. In: SILEI, 2, 2011. Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 132-53.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].